

Incentivo deve ficar

Para o superintendente da Suframa, "ainda não é o momento adequado para nós pensarmos na prorrogação dos prazos de validade dos incentivos fiscais para a Zona Franca de Manaus. Eu estou convencido que nesses próximos 15 anos, ao consolidarmos o volume de realizações dos primeiros 15 anos e alcançarmos novas conquistas, é possível até que possamos prescindir dessa prorrogação. É exatamente nesse sentido que usamos a expressão consolidar. Essa consolidação é prevista, sobretudo, no processo de industrialização. Nesse campo, imagina-se a montagem de indústrias de bens intermediários. Agora o processo de industrialização na Zona Franca de Manaus é feito a partir da importação de componentes que o Brasil ainda não produz e da fabricação local de outros componentes, além da importação, do resto do Brasil, de componentes nacionais". "O modelo de Zona Franca", explica, "propicia ao empresário certas facilidades de importação. A Zona Franca foi criada para isso mesmo e deve ser compreendida com uma alta dose de sensibilidade e confiabilidade, a fim de que não lhe sejam imputadas vantagens irreais, que ela realmente não possui. Veja-se, por exemplo, que a Zona Franca de Manaus, que eu costumo chamar de Zona Franca Brasileira, por ser afinal de contas um projeto brasileiro, é a única Zona Franca do mundo em que se paga imposto. Nós pagamos imposto de renda, nós pagamos o imposto sobre circulação de mercadorias, pagamos o imposto de importação.

"Esse índice de nacionalização tem um nível que não pode ser ultrapassado, pois caso isso ocorresse a Zona Franca perderia a sua própria essência, perderia aquele modelo de industrialização que foi imaginado. Há setores industriais em que alcançamos uma nacionalização elevada, acima de 85%, o que aliás parece ser o ponto ótimo de nacionalização em qualquer processo. Mas há outros setores em que, de acordo com o próprio modelo, a nacionalização atinge outros níveis.

Por isso acredito que esses índices devem ser, como são, fixados especialmente para cada tipo de bem produzido."

MÃO-DE-OBRA

"O processo de industrialização, como ocorreu em Manaus, naturalmente exige um contingente de mão-de-obra bem expressivo", lembra ele. Hoje se estima que o parque industrial de Manaus absorve cerca de 60 mil empregos diretos. Com isto, fatalmente o recrutamento dessa mão-de-obra dentro e fora da própria região é um tema que exige muita serenidade. A nossa região, a Amazônia ocidental, por si só já tem uma baixa densidade demográfica, chegando em certos anos a 0,2 habitante por quilômetro quadrado, o que representa virtualmente um despovoamento. O crescimento de Manaus como um centro urbano, até de forma desordenada é assemelhado ao de tantas outras capitais brasileiras. Todos os brasileiros procuram melhores condições de vida; com o avanço no setor de comunicações, por meio do rádio, da televisão, as regiões mais longínquas, mais afastadas, ficaram conhecendo outros locais, ficaram conhecendo vantagens de outras regiões.

"Se não tivesse havido a implantação em Manaus desse modelo de desenvolvimento na Zona Franca, essa população poderia ter saído de seus pontos de origem de qualquer maneira e, caso não parasse em Manaus, teria se dirigido ao primeiro centro urbano que encontrasse. No caso poderia ser Santarém, poderia ser a própria Belém, nessa busca de melhores horizontes, melhores dias, melhores padrões de vida. Na verdade, nós precisamos de mais gente na nossa região, o que está ocorrendo agora em Rondônia e está também ocorrendo em Roraima.

É bem gratificante esse deslocamento populacional para a ocupação de toda essa faixa da Amazônia ocidental. Sem dúvida alguma, se não fosse esse processo de industrialização essa gente estaria ainda ocupada no extrativismo."



O superintendente

Ruy Lins está otimista